

MEMÓRIAS DE UM
gato estrábico



Título
Memórias de um gato estrábico

Texto
© Maria Teixeira Augusto

Ilustração
© Olga Neves

Coordenação da Edição
Alfarroba

Revisão e Edição
Alfarroba

Design e paginação
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9068-86-5

Depósito Legal
515 333/23

1.ª edição, maio 2023

uma edição da Alfarroba
© maio 2023, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

«Tenho a oportunidade de escolher. Tu tens a oportunidade de escolher. Podemos optar por ser indivíduos que dão importância apenas às deceções e insistem em enfatizar as falhas e deficiências. Podemos decidir ser pessoas amargas, raivosas ou tristes. Ou, ao contrário, quando tivermos de encarar períodos difíceis e lidar com pessoas daninhas, podemos optar por aprender com a experiência e seguir em frente, assumindo a responsabilidade da nossa própria felicidade.»

Nick Vujicic

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.

PREÂMBULO

Sempre se conhecera assim... diferente, desajeitado, introvertido, sem qualquer graça. Na verdade, a vida nem sempre lhe sorrira e, se não fosse pelo facto de ser teimoso e persistente (como só os gatos sabem ser), ainda hoje continuaria invisível e desinteressante perante toda a gataria.

Não pensem que foi fácil conviver com tal desatino, não foi não! Dói muito ser diferente!

Ao gato estrábico torcia-se-lhe a cauda e arrepiavam-se-lhe os pelos cada vez que alguém mais imprudente e malvado lhe dizia:

- Olha o mirolho!
 - Quem te fez assim tão vesgo?
- E todos se riam a bandeiras despregadas...



O NASCIMENTO

Bichano nascera num sábado chuvoso, numa ninhada de cinco lindos gatinhos. A mãe, Beatrice, com seu ar majestoso, ostentava os seus filhotes orgulhosamente como se de uma raridade se tratassem. De facto, não estava errada, porque na sua ninhada existia alguém especial e diferente: um gato estrábico que viria a mudar a sua vida e a de muitos gatos para sempre.

Mas, continuemos...

Naquela ninhada de gatos perfeitos, de olhos rasgados e expressivos, pelos longos e macios, cheirosos e brincalhões, Bichano destacava-se dos restantes não só fisicamente, mas pela maneira de ser e de estar na Quinta dos Encantos. Enquanto os outros brincavam despreocupadamente, ele sonhava viajar e viver grandes aventuras, sonhava ser escritor... e sempre que era escorraçado dos alegres convívios gatis, sob uma enxurrada de insultos, Bichano corria, cabisbaixo e de olhos lacrimejantes, para o seu lugar secreto, junto ao Jardim das Margaridas, onde tentava ler os livros que trazia da Casa Grande. Digo “tentava” porque, para o Bichano, ler era uma tarefa muito lenta e difícil, por apresentar visão dupla, frequentes dores de cabeça e ardor nos olhos.

No entanto, ler era um dos poucos prazeres que lhe restava, pois nem Beatrice podia acariciá-lo sem se sentir culpada por ter dado à luz alguém que olhava simultaneamente o Céu e a Terra. Sentia-se culpada e impotente para o defender das atrocidades a que era submetido vezes sem conta. E sofria.





OS PRIMEIROS ANOS

Os primeiros anos foram vividos entre a Quinta dos Encantos e a escola da aldeia. Durante esse tempo experienciara de tudo: vivera momentos de angústia, tristeza e solidão e momentos de cumplicidade, partilha e verdadeira amizade.

Embora não guardasse rancor, Bichano recordava-se das vezes em que fora impedido de participar nas brincadeiras dos outros gatos e das vezes em que fora à escola e acabara achincalhado ora pelo desvio dos seus olhos, ora pela falta de atenção, ora pela lentidão com que lia, ora pelos inúmeros torcicolos que tinha, devido à inclinação do pescoço para um dos lados, na tentativa de ter uma melhor visão. Contudo, apesar das dificuldades de aprendizagem, não desistia e pode-se dizer que Bichano tinha maior entendimento da vida do que qualquer outro gato das redondezas.

Os momentos de cumplicidade, partilha e verdadeira amizade guardava-os ele no coração, num lugar secreto e mágico, onde só vão os que têm a alma pura. Estes sentimentos sempre foram o que lhe deram alento para se manter firme no seu caminho e não desistir. Foram os momentos que partilhou com a D. Engrácia e com o Zezito que o fizeram entender que a vida não é uma linha reta, mas que é possível continuar, se se tentar viver com alguma alegria e serenidade.



UMA NOITE ESPECIAL

Na Casa Grande vivia-se uma grande agitação. Aproximava-se a noite de Natal e, na cozinha, preparam-se já as inúmeras e saborosas iguarias natalícias.

As cozinheiras corriam de um lado para outro, atarefadas, enquanto Bichano observava tudo com muita atenção e esperava, a qualquer momento, poder lambuzar-se com os restos do arroz-doce, esquecidos na enorme panela...

Neste aspeto ele tinha sorte, pois enquanto os outros gatos permaneciam no casebre de madeira, num recanto do jardim, ao Bichano era permitido permanecer na cozinha, quentinho, junto à lareira.

Não se sabe ao certo o que motivou tamanha mordomia, talvez fosse porque a cozinheira chefe, a D. Engrácia, mulher robusta, de faces rosadas, nutria por ele um carinho especial, e o entendia melhor do que ninguém, por também ela ser estrábica.

Na verdade, a D. Engrácia não era a única a apreciar a companhia do Bichano. Também Zezito, o filho mais novo do casal Vilarinho, o cobria de carícias e atenções sempre que podia. Entre eles existia uma cumplicidade única e admirável. Aliás, fora ele que ensinara Bichano a ler e a amar os livros, fora com ele que aprendera a sonhar. Foi com Zezito que ele aprendeu a aceitar os seus infortúnios de gato rejeitado.

Nessa noite, além do Natal, festejava-se algo muito especial – a visita do Menino (assim era chamado Zezito, pelas empregadas da Casa Grande). Todos estavam excitadíssimos e Bichano não era a exceção. Não cabia em si de contente, pois sabia que, brevemente, poderia aninhar-se no colo de Zezito e partilhar as suas (des)aventuras com o seu amigo de sempre.

